Ano 26.º — Sábado, 27 de Janeiro de 1934 — N.º 1309

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Mais outro crime

—o—

Uns tantos individuos que de *reivindicações sociais* devem saber o mesmo que nós de lagares de azeite, saíram a semana passada para a rua e deram que fazer ás autoridades.

Que pretendiam eles?

Em nome das tais *reivindicações sociais* destruir, matar. E, assim, em Lisboa, em Coimbra, na Marinha Grande, no Barreiro, etc., explodiram bombas de dinamite que causaram importantes prejuizos materiais e na Povoa de Santa Iria fizeram descarrilar um comboio de marcadorias, que ficou destroçado, pondo ás portas da morte os respectivos condutores.

Bom processo de reivindicar, não ha duvida.

O que vale é que para de alguma maneira entravar essa marcha macabra dos destruidores e assassinos—porque outra coisa não são os que ágem desse modo—temos a policia, temos a fôrça armada e depois os tribunais para a aplicação da Lei.

A policia, a semana passada, já fez a sua obrigação. Resta agora que os tribunais façam tambem o que lhes compete.

Ainda anda em Portugal muito bandido á sôlta. Muito bandido que precisa ser afastado da sociedade no seio da qual constitue um perigo.

A nossa Africa é grande. E o Govêrno, mandando-os para lá como pensa, toma uma medida acertada.

O que o país não pode é continuar á mercê dos caprichos, da maldade de quantos, com fórma humana, se apresentam como féras.

Basta de sentimentalismos piegas!

Basta de contemplações com quem na primeira ocasião as esquece para se lançar em aventuras que não só sacrificam a nação, como a rebaixam e desprestigiam!

O 28 de Maio implantou em Portugal uma era nova. Ha perto de oito anos que estâmos assistindo ao ressurgir duma Patria que tinha dado em decadencia por via das agitações politicas que quasi a lançavam no abismo. Nada de voltar para traz! A nação, que trabalha, reclama do Govêrno que mantenha a ordem alterada por determinados discolos. Pois bem: como a indisciplina não conduz á felicidade, receio algum temos de acompanhar quantos assim pensam e de fazer côro com quantos aplaudem as medidas já adoptadas para evitar novas investidas dos que só pela violencia se querem impôr.

Peixe

—o—

Que não ha peixe em Aveiro, diz o nosso *bôbo*. E contudo peixe não tem faltado ultimamente no mercado, abundando o bom chicharro, ótimos robalos, magnificas sôlhas e o apreciavel marisco que é a amêijoa.

Sobre tudo êste ha muito que não aparecia tão vastas vezes e em tanta quantidade.

Que não ha peixe em Aveiro! Ha, ha. Mas o que talvez não tenha é aqueie preço do tempo em que entrava pela porta travéssa do *Imperador da Barra*...

Esse é que, com certêsa, desapareceu e nem as obras do pôrto, a-pesar-da esperança que nelas deposita o nosso *bôbo*, serão capazes, já agora, de o fazer voltar...

Se anda tão arredio....

Vêr a 4.ª página

Efemérides

27 de Janeiro

1906—Os estudantes e o povo de Coimbra recebem entusiásticamente os propagandistas do novo regimen que vão assistir á inauguração do Centro Académico Republicano.

1908—As autoridades da monarquia, persentindo que alguma coisa se trama contra ela, põem-se de atalaia.

O PETRÓLEO

—o—

Dizem-nos que o petróleo, depois que passou a vender-se có rado, não só deixou de ter o poder iluminante anterior, c mo se consome mais depressa e gasta demasiadamente a torcida por estar sempre a criar morrão.

Não sabemos como isso possa ser. Achâmos extraordinário que o elemento córante seja a causa do facto que está dando origem ao reparo.

Mas não sendo êle, onde ir encontrá-la, poder-nos-hão informar?

IMPRENSA

«O DISTRITO DE BEJA»

Acabâmos de receber a visita deste novo semanário literário, noticioso e anunciativo, que, como orgão puramente republicano e regionalista, se propõe elevar a cidade de Beja e todo o seu distrito, tornando-se assim um baluarte das suas justas aspirações.

Oxalá consiga, nesse campo, tudo quanto pretende o *Distrito de Beja*, que se apresenta com aspecto berrante e ao qual cumprimentâmos, desejando-lhe muitos anos de vida.

31 de Janeiro

Na proxima quarta-feira é feriado nacional por nesse dia passar o aniversário da primeira revolução republicana, que foi sufocada.

Ha 43 anos, pois, que a Republica teve o seu baptismo de sangue, recordando nós essa data como homenagem aos sacrificados de então, a maior parte dos quais já desaparecidos por a Morte os ter levado.

Mala Real Inglesa

—o—

Resolveu esta companhia de navegação que os seus paquetes da série *Highland* façam uma escala mensal pelo pôrto de Leixões no seu regresso dos portos do Brasil e Rio da Prata, começando já com o *Highland Princess* que deve saír do Rio de Janeiro em 13 de março e estar em Leixões em 26 do mesmo mês. E', como se vê, duma alta importância êste serviço, muito especialmente para aquêles passageiros que venham com destino ao norte de Portugal para fazer uso de águas, termas ou estágio em qualquer das nossas praias, tanto mais que a viagem é feita do Rio a Leixões em 13 dias em paquetes de mais de 14.000 toneladas e que oferecem a maior comodidade.

Ao *H. Princess* seguir-se-ha o *Highland Patriot*, que sai do Rio em 10 de abril e chega a Leixões em 23 e assim sucessivamente, podendo destes paquetes utilisar-se, com vantagem, os turistas que resolvam visitar a Exposição Colonial Portuguesa em meados do corrente ano, visto melhor não encontrarem.

E' para felicitar o Pôrto pelo excelente beneficio que vai receber.

Bombeiros Voluntários de Aveiro

A posse do novo comandante

Tendo sido nomeado 1.º comandante da antiga corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade o sr. tenente Daniel Alberto Machado, efectuou-se na quarta-feira, pelas 21 horas, a respectiva posse, que teve logar na sala das sessões da prestante colectividade e foi assistida de alguns camaradas do referido oficial, de muitos sócios auxiliares e de todo o corpo activo, devidamente uniformisado, sob as ordens do segundo comandante, Firmino Fernandes.

O acto, que teve caracter solêne, foi presidido pelo sr. dr. Alberto Souto, a quem serviram de secretários os srs. alferes Antonio Marques Tavares, inspector dos incendios; dr. Alberto Ruela, comandante da Companhia de Salvação Publica «Guilherme Gomes Fernandes»; António da Costa Ferreira e Arnaldo Ribeiro, proferindo durante êle discursos de congratulação pela escolha efectuada, cumprimentos ao novo comandante e incitamento pelo progresso dos bombeiros da nossa terra, o presidente da Assembleia Geral dos Voluntários, dr. Alberto Souto e a seguir os srs. dr. Alberto Ruela, alferes António Marques, Firmino Fernandes e por ultimo o empossado para agradecer a forma como fôra acolhido e as palavras cativantes dos oradores antecedentes.

O dr. Alberto Souto, que falou, como sempre, com brilho, espraiou-se em considerações acêrca da missão do bombeiro, dando salutares conselhos aos que vestem essa farda e enfrentam o perigo com o maior estoicismo ao serem chamados para combater o fogo. Teve, por vezes, felizes imagens e arrancos oratorios que os ouvintes aplaudiram entusiasticamente, concluindo por desejar ao sr. tenente Daniel Machado as maiores venturas enquanto se conservar á frente da corporação que o escolheu para comandante. E como esta faz agora 52 anos de existencia, marcou o sr. tenente Daniel Machado para ámanhã um exercicio publico que, se o tempo permitir, terá logar, pelas 11 horas e meia, em frente aos Paços do Concelho, devendo a costumada ceia de confraternisação realisar-se no dia seguinte, segunda-feira.

O Democrata apresenta também ao sr. tenente Daniel Machado os seus cumprimentos e aguarda o ensejo de lhe fecet os elogios a que o seu novo posto, decerto, vai dar origem.

Films...

NOVO anúncio num jornal de Lisboa:

SENHORA VIUVA

Séria, livre, nova, com recursos, desejaria conhecer outra nas mesmas condições para companhia de passeios e bailes de carnaval. Carta a C. J. etc.

O' minha senhora: e se fôr um rapaz? Não lhe fará mais geito? Olhe que sempre é outra coisa, embora V. Ex.ª dê a entender que não ficou com muitas saudades do seu *chorado* marido...

—

OUTRO:

GUILHERMINA

Não acredites nada. Sabes bem que é imenso o nosso amor. Esperar-te-hei depois das 8 horas no mesmo sitio. Infinito... do teu A.

Mas então a Guilhermina podia lá acreditar?...

Nunca!

As Guilherminas jámais acreditam a não ser quando a realidade as converte em... amas.

Calendário-brinde

—o—

Da acreditada firma local, Testa & Amadores, representantes da companhia de petroleo e gazolina Schell, recebemos um calendário de parede, que agradecemos.

O estabelecimento Testa & Amadores, á esquina da Rua Eça de Queiros, é um dos mais importantes de Aveiro e que se recomenda pela bôa qualidade dos artigos nele expostos á venda.

O «DEMOCRATA» vende-se no Estanco Flaviense, da Rua dos Mercadores.

O êxito da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa

Está absolutamente assegurado o êxito da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa.

Podemos afirmá-lo com segurança—a seis meses da abertura dêsse grandioso certame que será, como muito bem afirmou o sr. tenente Henrique Galvão, uma alta *lição de colonialismo* para o povo português.

Na sua recente visita ao Palacio de Cristal, onde a Exposição vai realizar-se, o senhor Ministro das Colónias declarou, focando a finalidade patriótica da iniciativa, *que o Estado estava interessadíssimo na sua realização*, acrescentando:

—«O nosso esfôrço aqui será superior, e em muito, ao que dispendemos com essas magnificas demonstrações de Sevilha, Paris e de Anvers.»

O país não podia ficar indiferente ante uma iniciativa assim. E não ficou.

A seis meses da abertura do certame—caso único em exposições portuguesas!—o número de expositores inscritos orça por duzentos!

Não há exemplo de um entusiasmo como o que despertou a realização duma iniciativa que é bem, como alguem a definiu, *a primeira grande jornada do Império,—a primeira depois do Acto Colonial.*

Apontamos já o significado patriótico do certame — a sua finalidade espiritual e cultural. E' o *desenvolvimento duma ideia portuguesa que caminha para objectivos portugueses.* E não deixamos de focar as razões de ordem económica que a efectivação do certame claramente anuncia.

Destinada ao povo, a 1.ª Exposição Colonial Portuguesa não será, temos a certeza, uma lição perdida. Dar-lhe-á consciência da grandeza e da riqueza pátrias; e nisso reside, quanto a nós, o maior proveito dessa magnifica iniciativa. Ficar-se-á sabendo, no Portugal-Metrópole, que o Portugal-Ultramarino não é êsse negro e pavoroso *lugar de degredo* que a incultura nacional durante largo tempo imaginára. E Portugal ficará maior!

* * *

Nas dependências do Palácio de Cristal e nos jardins que o rodeiam trabalha-se já, intensamente, nos preparativos da Exposição.

Levantam-se os primeiros *stands*, delineiam-se as aldeias indígenas. Já lá figura, sobranceira ao lago, uma habitação lacustre, timorense.

Na secretaria da Exposição o trabalho é intenso. E' a propaganda—abrangendo Portugal e o estrangeiro, animando, informando, é a inscrição dos expositores metropolitanos e coloniais, o estudo minucioso dos problemas que interessam ao certame...

Nunca se registou em exposições portuguesas e a seis meses do acto inaugural, maior entusiasmo e maior optimismo!

Falta de espaço

Por á ultima hora nos ser solicitada a inserção do anúncio que vai na 3.ª página, somos obrigados a retirar toda a matéria já composta e que vai perder a oportunidade ficando para a proxima semana.

A crise da industria do Sal

A Comissão eleita pelos proprietários e marnotos das salinas da Ria de Aveiro continua a congregar todos os esforços no sentido de organizar a Emprêsa ou Sindicato da venda do sal. Os marnotos, por sua vez, em número superior a 30, constituíram-se em Comissão para, junto dos patrões, instarem pela resposta afirmativa ao inquérito distribuído a todos os proprietários de marinhas.

Na impossibilidade de realizar qualquer conferência sôbre o assunto, que teria certamente a ouvi-la apenas os proprietários e marnotos que têm ocorrído às reüniões da Associação Comercial, resolveu a Comissão organizadora do Sindicato esclarecer na Imprensa local, que tão generosamente tem pôsto as suas colunas ao serviço do problema da indústria do sal desta região, os proprietários mais renitentes e que ainda não compreenderam que a sua atitude, se os prejudica directamente, acarreta também prejuízos aos outros proprietários e aos marnotos, estes as vítimas mais visadas na angustiosa crise que a indústria do sal atravessa.

O Sindicato ou Emprêsa que se procura fundar não é moldado nas bases da antiga Companhia que nesta cidade explorou o comércio do sal. Ao passo que aquela Companhia era administrada por pessoas que nada tinham que ver com proprietários e marnotos, a quem apenas pagavam o produto do sal, o Sindicato em formação é constituído por proprietários que vão administrar o que lhes pertence. Os lucros da antiga Companhia eram distribuídos sòmente pelos accionistas; os lucros do organismo que se tem em vista serão distribuídos por todos os proprietários e marnotos. Isto é, se uma marinha produzir 20 vagões de sal, o marnoto receberá a quantia correspondente a 10 vagões e o proprietário quantia equivalente. O regímen permanece o mesmo, apenas com a diferença de que é o Sindicato o único vendedor do sal da Ria.

Não se pretende constituir um monopólio; deseja-se sòmente vender o sal por um preço remunerador para um marnoto—o que mais precisa—e para o proprietário.

As vantagens duma venda de sal por preço compensador ir-se-ão reflectir, escusado seria dizê-lo, na económia local. O alfaiate, o sapateiro, o comércio, etc, todos lucram com a melhoria da principal indústria desta região.

Que o sal aumenta de preço, prova-o uma carta em poder desta Comissão, em que um comprador dêste produto pretende o exclusivo da venda de *todo* o sal da Ria, e compromete-se, dentro de 2 mêses, a pagar o vagão do sal pelo dôbro do preço actual.

Se há marnotos e proprietários que supõem fazer *jôgo* com o Sindicato, ficando de fora na mira dum melhor preço de venda do sal, a estes diremos que esta atitude representa um êrro de visão. O Sindicato só será constituído com maioria esmagadora de proprietários, que o mesmo é dizer de marinhas. Ora um organismo forte pode estabelecer concorrência com os proprietários alheios ao Sindicato e obrigá-los a transaccionar o sal pelo preço mais baixo do mercado. Quem procura pôr em prática esta *esperteza* não viu bem as consequências que daí podem advir. Tudo indica que não há vantagem em ficar alguém de fora da organização que se pretende.

A Comissão vai novamente enviar, a quem não respondeu da primeira vez, um novo inquérito apenas com a pregunta se quere ou não fazer parte do Sindicato ou Emprêsa a constituir para a venda do sal da Ria. Pedimos que respondam: sim ou não.

A Comissão tem interêsse em que se organize uma Associação nas bases apresentadas ou noutras semelhantes? Evidentemente que tem. Tem o mesmo interêsse que devem ter todos os proprietários. Nem mais, nem menos.

A COMISSÃO

Pão fresco

—o—

E' do teor seguinte a moção que numa das sessões da Câmara de Lisboa fôra apresentada no sentido de se acabar com o pão rijo ao domingo, substituindo-o por pão fresco, isto é, de fabrico recente:

Considerando que a campanha ultimamente levantada na Imprensa acêrca da necessidade do fabrico de pão ao domingo merece o inteiro aplauso da Câmara Municipal de Lisboa, visto que a situação actual representa uma excepção que muito prejudica os habitantes da capital;

Considerando que se impõe a modificação dum tal estado de coisas, de fórma a harmonizar os interêsses do público e as regalias do operariado;

Considerando ainda que urge melhorar as condições do fabrico do pão, que se apresentam, por vezes, deficientíssimas;

Tenho a honra de propôr:

Que a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa signifique ao sr. ministro do Interior o seu interêsse pela melhoria da qualidade de pão e pelo problema do seu fabrico ao domingo, atendendo á necessidade de pôr termo a uma situação que não é compatível com a vida de uma Capital, tendo-se, todavia, em vista os interêsses legítimos dos operários manipuladores.

E se todos os municipios do país secundassem o de Lisboa? A nós afigura-se-nos que é o que se deve fazer para voltarmos ao

regimen antigo, visto haver trigo em abundancia e os padeiros não serem sacrificados, trabalhando por turnos.

Sr. dr. Lourenço Peixinho: dê o exemplo, pondo á frente do movimento provinciano a Veneza de Portugal!...

Agremiações locais

=o=

Damos a seguir os nomes dos cidadãos que constituem os novos corpos gerentes das seguintes colectividades:

Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntários

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Alberto Souto; *vice-presidente*, João Ferreira de Macêdo; *1.º secretário*, Albano Henriques Pereira; *2.º*, Jeremias dos Santos Moreira.

CONSELHO FISCAL

Presidente, tenente Jaime Sabino; *vogal*, António da Costa Ferreira; *secretário*, João Evangelista de Campos.

DIRECÇÃO

Presidente, Ricardo Mendes da Costa; *tesoureiro*, Máximo Henriques de Oliveira; *secretário*, Manuel José da Costa Guimarães; *vogais*, António Mieiro e Carlos Carvalho.

Internacional Atlético Club

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, João Ferreira de Macêdo; *1.º secretário*, Manuel Gamelas; *2.º*, Francelino Costa.

CONSELHO FISCAL

Máximo Henriques de Oliveira, Hermenigildo Meireles e José Lopes Vieira.

DIRECÇÃO

Presidente, Francisco Pereira de Melo Júnior; *tesoureiro*, Francisco Gonzalez de la Peña; *1.º secretário*, Ernesto Caetano Abranches; *2.º*, Fausto Migueis Picado; *vogais*, António Ferreira, José Cardoso Conceiro e Carlos Marques Mendes.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria da Luz Marques Rodrigues Gautier, esposa do sr. Manuel Gomes Gautier, residente em Setubal; ámanhã, o sr. Antero Simões Pina, funcionario dos correios e telegrafos; no dia 29, o nosso particular amigo tenente Jaime Sabino, de infantaria 19; em 30, a sr.ª D. Emilia Augusta dos Reis Ferreira, esposa do sr. Jeremias Vicente Ferreira e o sr. dr. José Pereira Tavares, professor do Liceu de José Estêvão; em 31, a simpática tricaninha Maria da Apresentação Taborda e os srs. Luis Manuel Rodrigues e Filipe Monteiro, 1.º sargento de Infantaria 19 e em 2 de fevereiro, a sr.ª D. Maria Otilia S. Rocha, esposa do sr. tenente-coronel David Ferreira da Rocha, de Eixo e a menina Olivia da Conceição Neto, interessante filha do sr. Cipriano Neto.

—Na terça-feira fez os seus 80 anos a veneranda mãe dos srs. Ricardo Mendes da Costa e João Mendes da Costa, tendo este vindo de Lisboa, onde reside, passar com ela esse dia.

Oxalá ainda muitos mais possa contar para satisfação dos seus.

Partidas e chegadas

De visita esteve quarta-feira nesta cidade, com sua esposa, o sr. Raul Lelo, genro da sr.ª D. Violeta Vieira da Costa.

Retiraram ante-ontem para o Porto.

— Tambem já seguiu para Lisboa, onde reside, a sr.ª D. Anunciação da Costa Bernardo, que aqui veio passar algumas semanas.

— Esteve igualmente em Aveiro o sr. António Gonçalves de Sousa, nosso assinante de Cacia.

Movimento judiciário

—o—

Foi nomeado juiz e colocado numa comarca dos Açores o sr. dr. Cura Mariano que, como delegado do Procurador da Republica em Aveiro se conduziu de forma a deixar saudades.

Felicitâmo-lo pela sua promoção.

Vem substitui-lo o sr. dr. Celestino Figueiredo Denis, tranferido de Leiria.

O TEMPO

—o—

Continuam os termometros a registar baixas temperaturas quer em Aveiro, quer no resto do pais. De um ano assim não ha memoria, anciando toda a gente pela aproximação da Primavera, a vêr se isto muda.

Que deve mudar. Ou então está tudo perdido.

Livros

«REPOSITORIO DE HIDRAULICA»

Recebemos esta obra que interessa a todos os individuos e a tôdas as colectividades e é indispensável a engenheiros, médicos, advogados, proprietários, corpos e corporações administrativas, por conter uma resenha de tôda a legislação concernente a águas: de dominio particular ou público; nativas, pluviais ou subterraneas; esgôtos, minas, rios, servidões; divisão, dragagens, inquinação, tarifas, etc., etc.

Este livro é organizado pelo sr. capitão Eduardo Ventura Reimão e editou-o a *Livraria Central*, de Lisboa, propriedade do sr. Gomes de Carvalho, a quem agradecemos a oferta.

O Democrata *vende-se na Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.*

Necrologia

No seu humilde tugúrio faleceu na manhã de segunda-feira, á 1 hora, pedindo que não apagassem a luz, quando era já a Morte que lhe roubava a vista, o malogrado Pedro Duarte, de 41 anos, viuvo, ex-combatente da Grande Guerra que, esquecido por quantos o não deviam abandonar, recebeu, todavia, dessa altruista e humana colectividade—a Liga dos Combatentes da Grande Guerra—toda a protecção, todo o carinho, todo o confôrto.

Pedro Duarte, sádio e robusto, gozando a vida com alegria dentro do seu meio, assentou praça e partiu para França como soldado n.º 436 de infantaria 24, em 22 de fevereiro de 1917, voltando, por incapacidade fisica, a 8 de outubro de 1918 em que lhe foi dada baixa.

Não o atingiram as balas inimigas, mas os traidores gases envenenaram-no. E o pobre soldado, que, no cumprimento do seu dever, seguiu para França, mandaram-no depois para casa apenas com os seus males e os seus sofrimentos.

A Liga dos Combatentes, porém, pela sua Agencia nesta cidade, conhecendo de perto toda a odisseia do infeliz, dele se acercou e, até ao último momento lhe prestou toda a assistência, toda a protecção.

O féretro do inditoso soldado foi coberto com a bandeira da Liga, e a direcção da Agencia, assim como outros oficiais e sargentos, dignaram-se acompanhar á sua ultima morada os restos mortais do expedicionário, que ficou sepultado no recinto destinado áqueles que lá fóra, nos campos da batalha, ergueram bem alto o nome de Portugal.

Ficam três creanças orfãs de pae e mãe!

E' o resto mais triste de todo êste quadro, que, estamos certos, alguem deve ter em atenção, olhando pelos pequeninos.

O Democrata associa-se á manifestação prestada ao humilde aveirense que, simples soldado, embora, desce, todavia, á sepultura como um mártir aureolado pelo clarão da metralha e envolto no bramido da sangrenta luta.

Secção desportiva

Hockey

Um incidente

Aveiro, 16 de Janeiro de 1934

... Sr. Director do jornul O Democrata

A-fim de ficar esclarecido um assunto de palpitante interêsse para o hockey *em patins no* Centro de Portugal, *em que andam envolvidos o* Club de Hockey de Coimbra *e o* Hockey Club de Aveiro, *rogo a V. se digne inserir, no próximo número do seu mui conceituado jornal, as duas cartas juntas, para se extremarem os campos e as responsabilidades caberem a quem de direito.*

Com a maior consideração e os melhores votos de

A Bem do Desporto

me subscrevo de V. etc.

Pelo Hockey Club de Aveiro,

AMILCAR AMADOR

Coimbra, 10 de Janeiro de 1934

Ex.mos Srs. Directores do Hochey Club de Aveiro.

Ex.mos Srs.

Após a reünião extraordinária da Assembleia Geral deste club, efectuada no passado dia 8 do corrente, para apreciar certas ocorrências que tiveram logar durante o desafio para disputa do torneio da *Taça Preparação*, efectuado no passado domingo, entre o grupo de honra deste club e o grupo de igual categoria do vosso club, que consideram essas ocorrências incompativeis não só com o seu brio desportivo, mas também com as mais elementares regras de cortesia a que os seus jogadores estão habituados, tendo em vista:

1.º—A atitude do público dessa cidade manifestando-se indelicadamente e não poupando mesmo a vaias e apupos a alguns dos nossos jogadores;

2.º—a absoluta indiferença dos componentes do *Hockey Club de Aveiro* que perante tais manifestações não quizeram (ou não souberam) esboçar um pouco de delicadeza, como seria o de tentarem pôr-lhe côbro ou, pelo menos, evitar que elas excedessem os limites da boa educação;

3.º—o facto de nenhumas desculpas terem sido apresentadas aos nossos jogadores pelo capitão do vosso grupo ou por qualquer dos seus directores, grandemente agravado pelo vexame que sofreu o nosso Presidente, tanto mais estranhavel e de lamentar quando é certo que ele se apresentava como delegado da Associação de Patinagem do Centro de Portugal, resolveu esta Assembleia Geral em concordância absoluta com as palavras proferidas por um jogador do *Hockey Club de Aveiro*, que desejava não ser o *hockey* a mesma coisa que o *foot-ball*:

1.º—Abster-se, de hoje para o futuro, de realizar em Aveiro encontros de *hockey* em patins, quer com o vosso club, quer com qualquer outro, proíbindo os seus jogadores de neles tomarem parte;

2.º—Dar conhecimento desta deliberação a V. Ex.as.

Pelo *Club de Hockey de Coimbra*,

ADOLFO SARAIVA CAMPOS
Director-Presidente

CACHULO DA TRINDADE
Director-Secretário

Resposta do «Hockey Club de Aveiro» ao «Club de Hockey de Coimbra»

Ex.mos Srs. Directores do *Club de Hockey de Coimbra*—Coimbra

Foi com desagradavel surpresa que recebemos o offício de V. Ex.as, de 10 do corrente, sôbre o desafio aqui realisado entre o *Club de Hockey de Coimbra* e o *Hockey Club de Aveiro*.

E' certo que o público de Aveiro se tem ultimamente interessado pelo *hockey* patinado, manifestando durante os encontros um entusiasmo que só pode ser motivo de satisfação para os desportistas, visto que contribue para a continuação e desenvolvimento dum util desporto entre nós tão pouco cultivado.

E' certo também que o referido público anima principalmente, durante os desafios, os jogadores de Aveiro, o que não é para estranhar visto que em toda a parte o público se comporta análogamente e em todos os desportos de competição.

Afirmamos, porém, a V. Ex.as que o *Hochey Club de Aveiro* não tem exercido nenhuma influência directa sôbre o público e que êste se manifesta expontaneamente. E afirmamos também que, no último desafio, a que V. Ex.as se referem, no qual a assistência, na verdade, animou o club de Aveiro, não notámos que ela fôsse *incorrecta* com os jogadores de Coimbra. Se tivessemos verificado que assim sucedia, tal procedimento mereceria o nosso mais veemente protesto.

Logo que terminou o desafio, um assistente que disse ser delegado da Associação de Patinagem do Centro de Portugal, e que só depois soubemos ser o Presidente do Club de V. Ex.as, entrou no *rink* e em voz bem alta, declarou que o desafio devia ser anulado por o campo não estar marcado nas condições regulamentares. Como o referido delegado tinha já aqui assistido a vários encontros, sem protestar, e não protestou no começo do encontro a que V. Ex.as se referem, o público, que ainda se conservava no campo e assistiu á exaltação imponderada do Presidente de V. Ex.as, invadiu o campo, produzindo-se uma viva discussão. Que culpa teve o *Hockey Club de Aveiro* deste lamentavel incidente? Não queremos insistir na sua causa; apenas afirmamos que o procedimento dos assistentes, que, afinal, era facil de prever, se deu expontaneamente, e não foi devido a instigações ou sugestões dos nossos jogadores; o incidente não foi agravado pela atitude do *Hockey Club de Aveiro* que, pelo contrário, procurou serenar o conflito.

A competencia desportiva provoca paixões que, muitas vezes, causam desagradaveis conflitos. Estes devem, porém, ser depois vistos apenas á luz da razão. Pedimos a V. Ex.as que reflitam na resolução que nos comunicam e que não se melindrem por lhe notarmos que ela não conduz ao desenvolvimento do desporto em que o *Club de Hockey de Coimbra* tanto brilho lhe trouxe, e ainda á bôa camaradagem que deve haver entre todos os desportistas.

Com muita consideração e os melhores votos de

A Bem do Desporto

nos subscrevemos de V. Ex.as

Pela Direcção do *Hockey Club de Aveiro*

Aveiro, 16 de Janeiro de 1934.

a) AMILCAR AMADOR

Correspondencias

Eixo, 21

Completa no proximo dia 27 a *bonita conta* de 90 anos o nosso amigo e assinante deste jornal sr. José António de Carvalho.

Carvalho de rija tempera e homem duma só fé, o nosso bom amigo e vizinho impõe-se ainda pela lucidez e boa disposição do seu espirito á consideração de todos os conterraneos. Admirador de Salazar, dos quatro costados, é interessante ouvi-lo pelo calor que toma na defeza da obra daquele ilustre homem publico, dando-nos a impressão de que se S. Ex.ª precisasse de propagandistas *pelo esforço fisico* para a impor, José António de Carvalho não lançaria mão dos meios *á morderna*, isto é, *á bomba...* mas sim do seu valente marmeleiro capaz de varrer ainda uma feira.

Com que saudades fala dele!

O pior são as pernas, diz; porque as unhas...

No entanto, que Deus lhe conserve ainda por alguns anos a mesma boa disposição para goso proprio e satisfação de todos os seus, especialmente, de seus filhos dedicados e nossos prezados amigos, srs. José, João e Sebastião de Carvalho, importantes comerciantes em Lourenço Marques, a quem neste momento abraçâmos.

C.

EDITAL

Fernando Chaves de Oliveira Sarmento Engenheiro, Chefe da 2.ª Circunscrição Industrial:

Faço saber que, Amandio Ribeiro da Rocha pretende licença para instalar um forno de padaria incluido na 3.ª classe com os inconvenientes de fumo e perigo de incendio, sito na rua Dr. Alberto Souto, em Bomsucesso, freguesia de Aradas, concelho e distrito de Aveiro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de trinta dias a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 5321 nesta Circunscrição, com séde em Coimbra, Aveuida Navarro n.º 41.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, 16 de Dezembro de 1933.

O Engenheiro Chefe

Fernando Chaves de Oliveira Sarmento

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Aveiro:

Faz publico que, em conformidade com o disposto no respectivo Regulamento, todos os concorrentes á Feira do Março, que nesta cidade se realisa anualmente naquele mes e seguinte, terão de dirigir-se á firma Artur dos Reis, de Aveiro, concessionária do abarracamento respectivo, requisitando por lanços o numero de barracas que pretendam, designando o ramo de comércio a que se destinam, até ao dia 15 de Fevereiro próximo.

O custo de cada lanço das mesmas barracas, é de escudos 52$00, incluindo a respectiva empanada, com excepção das de quinquilharias e marcenarias, ás quais acrescerá áquele preço de 52$00 o adicional de 30 p. c. (Sessão de 23 de Novembro de 1933).

Os concorrentes que façam os seus pedidos fóra daquele praso, terão de satisfazer a mais a taxa legal.

Aveiro e Secretaría da Câmara Municipal, 15 de Janeiro de 1934.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Lourenço Simões Peixinho

"A nossa Escola,, no Teatro Aveirense

O grupo infantil de Ilhavo, vendo se á direita, no último plano, José Pereira Teles e as professoras que auxiliam a representação de A nossa Escola

E', como já dissémos, na quarta-feira, 31 do corrente, que no nosso teatro sóbe á cêna *A nossa Escola*, peça simples, mas cheia de belêsa e encantamentos, de que é autor o nosso colega do *Ilhavense* e distinto professor, José Pereira Teles.

Ornada de bôa música, de inspirada música, *A nossa Escola*, tendo sido representada seis vezes, deve, em Aveiro, obter o mesmo exito porque, sendo três actos de contextura educativa, moral e pedagógica, embora envoltos num pouco de fantasia artistica, são bem urdidos e agradam, visto terem ainda a dar-lhe vida e expressão os cenários de Angelo Chuva, Amadeu Teles e Palmiro Peixe, que muito contribuiem para os esmaltar, enriquecendo-os no seu conjunto.

De resto, as crianças estão bem ensaiadas e dizem bem, sendo dignas que os aveirenses as vão ver para as aplaudir.

Não perderão o seu tempo, pois crêmos piamente que o espectáculo a todos agradará.

Êste número foi visado pela Censura

A fechar

— Não achas que me estou tornando feio, sandeu, estúpido?

— Não me parece, homem; sempre te conheci assim.